CARTOGRAFIA EM DECOLONIALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO NA SAÚDE E EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ECOLOGIA HUMANA RACIALIZADA E RESISTÊNCIA DENTRO DA CASA DAS PRETAS

[1]Claudia Rodrigues dos Reis (PIBIC - AF); [2]Carla Pontes de Albuquerque (orientadora).

1 – Graduanda da Escola de Medicina e Cirurgia; Hospital Universitário Gaffrée e Guinle; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
2 - Departamento de Educação Permanente e Integralidade na Saúde; Instituto de Saúde Coletiva; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: **Decolonialidade; Descolonização; Cartografia; Casa das Pretas; Cuidado Recíproco.**

RESUMO

O trabalho tem como objetivo integrar a literatura e a experiência cartográfica para compreender, analisar, mapear e por fim refletir sobre os avanços nas práticas decoloniais/descolonizadoras existentes dentro da saúde e educação. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, envolvendo a análise bibliográfica disponibilizada no curso de Ecologias Humanas Racializadas do EICOS/UFRJ e a revisão integrativa realizada previamente sobre a temática em diálogo com a análise inicial da cartografia em andamento em um coletivo de mulheres que frequentam o curso de corte e costura na Casa das Pretas/RJ. A referida literatura, composta fundamentalmente por obras de autoria negra, foi importante referência na problematização dos relatos e vivências das participantes do curso de Corte e Costura, evidenciando situações cotidianas de vulnerabilização e também de inadequação dos equipamentos públicos no lidar com as necessidades apresentadas por estas mulheres. Salienta-se também, por parte destas mulheres, não obstante o assujeitamento a que estão expostas, a potencialidade de constituir redes de cuidado recíproco.

INTRODUÇÃO

A descolonização e a decolonialidade se contrapõem às estruturas eurocêntricas disseminadas e implantadas historicamente, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo. Segundo Sueli Carneiro (2005), faz-se necessário descolonizar o saber para que assim, seja possível reconhecer e valorizar as epistemologias afro-brasileiras e indígenas, combatendo o epistemicídio que silenciou esses povos. De forma análoga, Lélia Gonzalez (1988) corrobora essa perspectiva ao destacar a "amefricanidade" como um conceito que atribui novo significado às identidades negras na diáspora, promovendo a descolonização através da afirmação cultural e política.

Ademais, Abdias Nascimento (1980) define o "quilombismo" como uma filosofia de resistência e sobrevivência cultural, oferecendo uma base sólida para práticas descolonizadoras. Por outro lado, Achille Mbembe (2016) explora o conceito de

"necropolítica", pontuando como os mecanismos de controle e dominação herdados do colonialismo continuam a determinar as vidas que são valorizadas e aquelas que são descartadas. Em vista disso, Sylvia Wynter (1995) levanta reflexões acerca da noção de "humanidade" imposta pelo colonialismo e propõe uma nova ideia de ser humano, uma que reconheça a diversidade ontológica dos povos historicamente colonizados.

A Casa das Pretas, situada no centro da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 2014, é um dos refúgios para mulheres negras, onde encontram a oportunidade de serem ouvidas e resistir ao apagamento cultural. Essa prática dialoga com as ideias de Grada Kilomba (2019), onde em sua obra enfatiza a "memória decolonial", fundamental para reviver e reafirmar as narrativas históricas que foram marginalizadas ao longo do tempo. Lugares como esse atuam como resistências, ao possibilitarem a expressão de novas formas de ser, saber e existir que desafiam as heranças eurocêntricas coloniais.

OBJETIVOS

Integrar a literatura e a experiência cartográfica para compreender, analisar, mapear e por fim refletir sobre os avanços nas práticas decoloniais e descolonizadoras existentes dentro da saúde e educação.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseou-se em uma abordagem qualitativa, combinando a análise bibliográfica e a partir desta, a problematização inicial do que emergiu na cartografia em andamento com as integrantes do Projeto de Corte e Costura realizado na Casa das Pretas. O apanhado bibliográfico e análise para a realização da cartografia foram possibilitados através do curso “Ecologias Humanas Racializadas: raça, racismo, antinegritude e resistências viscerais”, ministrado pela professora Drª Fátima Lima, ofertado pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PIPGLA/UFRJ/Letras e pelo EICOS - PPG em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - Instituto de Psicologia - UFRJ PRAIA VERMELHA durante um período de 10 semanas contemplando a colonização e colonialidade, onde foi destrinchado a ecologia humana por detrás do processo biopsicossocial das práticas coloniais racializadas e a resistência às estas opressões por parte das populações negras. A base teórica estruturou criticamente a segunda parte da cartografia, que consistiu na visita semanal às terças-feiras na Casa das Pretas, durante 3 meses, observando-se as atividades desenvolvidas e estabelecendo diálogos com as participantes, permitindo uma compreensão mais completa acerca das experiências individuais e coletivas, bem como as percepções envolvidas e as trocas que emergiram no grupo.

RESULTADOS

No primeiro momento, foram analisados literaturas pertencentes a 28 autores, dentre eles pode-se citar: Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Saidiya Hartman, Fred Moten, Frank Wilderson III, Jota Mombaça, Denise Ferreira da Silva, Sylvia Wynter, Achille Mbembe, Grada Kilomba, os quais discutem diretamente sobre a colonização e colonialidade. Além disso, perpassam temas como: a plantation, o arquivo da escravidão, colonização e colonialidade, o cosmocídio, a antinegritude, o quilombismo, a marronagem, a contra colonização, o colonialismo digital, o afropessimismo, a pretitude, a dívida impagável, os rastos e vestígios raciais antinegros/as, a fabulação crítica das vidas pretas e suas resistências viscerais.

Durante a análise evidenciou-se diferenças entre os autores sobre o impacto da colonialidade na estruturação social, cultural e política, enfatizando a continuação de moldes eurocêntricos na marginalização do povo negro. De forma que, Sueli Carneiro , Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento pontuam a descolonização do saber como forma de valorizar e reviver as epistemologias afro-brasileiras, evidenciando a resistência negra. Outrossim, Achille Mbembe e Frank Wildersson III

aprofundam-se na necropolítica e no afropessimismo para enfatizar o sistema como grande determinista daqueles considerados como vidas descartáveis pela sociedade, revelando o racismo estrutural presente. Já Sylvia Wynter e Denise Ferreira levantam reflexões e propõem uma remodelação ontológica que reconheça a diversidade da negritude. Por fim, Fred Moten, Saidiya Hartman e Grada Kilomba se embasam na memória decolonial e fazem uso da fabulação crítica para fomentar novas resistências e refutar narrativas dominantes.

No segundo momento, o estudo realizado na Casa das Pretas revelou um impacto positivo sobre a vida das mulheres que ali frequentam, estendendo-se para além de projetos que viabilizem ganho financeiro através da confecções de artigos artesanais, os encontros proporcionam troca de vivências e compartilhamento dos impactos da ideologia colonizadora que ainda se faz muito presente no cotidiano de cada uma. Essa realidade traduz-se através de relatos que permitem compreender a magnitude desse impacto. O relato da Mulher A, que encontrou no curso de Corte e Costura uma alternativa de enfrentamento em questões de saúde e financeiras, evidencia a necropolítica e o racismo estrutural que muitas têm que lidar diariamente, sendo reflexo das práticas de quilombismo e marronagem. Já no caso da Mulher B, encontra-se o fortalecimento do ideal decolonial e da ressignificação do passado dentro dos espaços ao encontrar refúgio na Casa das Pretas. Percebe se também conforme nos brinda Conceição Evaristo, ao constituir a ferramenta da escrevivência - escrita do povo negro, principalmente de mulheres negras sobre a potencia cotidana do resistir e reexistir perante uma sociedade racista e extremamente desigual, que as narrativas orais de suas vivências trazidas pelas participantes do curso de corte costura potencializam também um cuidado recíproco que vai sendo tecido coletivamente no grupo.

CONCLUSÃO

A integração dos âmbitos literários e vivenciais no contexto de decolonialidade e descolonização nas práticas de saúde e educação revelaram que a cartografia permite que a partir da problematização das interseccionalidades existentes (classe, gênero e raça), estruturas coloniais sejam amplamente contestadas, evidenciando a criação de espaços críticos e formuladores de novos paradigmas que fortaleçam lutas por direitos e ações efetivas contra o racismo nas suas diversas expressões.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, S. . **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005..

EVARISTO, C. A Escrevivência e seu subtexto In: DUARTE, C.L.; NUNES, I.R. (org) **Escrevivência e a escrita de nós**, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.26-47.

FERREIRA, D.S. **A dívida impagável.** São Paulo: Casa do povo, 2019.

GONZALEZ, , L. . **Por um feminismo afro-latino-americano.** Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 143-152, 1988.

HARTMAN, S. V**idas Rebeldes, belos experimentos – Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais.** São Paulo, Fósfoto, 2022.

MARTINS, W.R.V.; MACHADO, A. L; Colvero, L. A. **A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde** . Tempus - Actas de Saúde Coletiva. 13AD Sep; 2013.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Coimbra: Edições Almedina, 2019..

MBEMBE , A. **Necropolitics**. Durham: Duke University Press, 2016.

MOTEN, F. **Na quebra – a estética da tradição radical preta.** São Paulo, Crocodilo/n-1, 2023

NASCIMENTO, A. .**O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Ed. Vozes, 1980.

WILDERSO III, F. B. . **Afro-pessimismo.**São Paulo, Todavia, 2021.

WYNTER, S. *1492: A New World View*. In *Race, Discourse, and the Origin of the Americas*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1995.